

## APRESENTAÇÃO

Os artigos e ensaios reunidos nesta edição da Revista Garrafa focalizam questões literárias, artísticas, políticas e culturais. São textos originais e inéditos, em sua maior parte de autoria de pós-graduandos de diferentes universidades brasileiras, além de contribuições assinadas por professores universitários. A diversidade de abordagens reflete a multiplicidade de enfoques que recebe, hoje, o literário, bem como trânsitos interdisciplinares.

No artigo “Em torno de arquivos”, Marília Rothier Cardoso retoma o conceito de “arquivo”, segundo Jacques Derrida, para avaliar criticamente documentos de escritores e artistas. Ao eleger itens dos arquivos do cineasta Glauber Rocha, do escritor Guimarães Rosa e do fotógrafo Artur Omar, a pesquisadora mostra a importância para a crítica e a teoria contemporâneas do trabalho com acervos artístico-literários.

Operando com um conceito amplo de crônica, que desliza do jornal para o corpo e para a voz dos artistas, Leonardo Davino, em “Alegrias, esperas e outras críticas do sujeito cancional censurado”, apresenta uma leitura comparatista das canções “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, e “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Para o articulista, ambas as canções apresentam o espírito do tempo (*zeitgeist*), na medida em que retratam questões complexas da sociedade brasileira, como injustiça social, censura, engajamento e desbunde.

As obras do escritor Cornélio Penna e do artista plástico Farnese de Andrade são o foco da investigação de Flavia Vieira Santos no artigo “O arquivo assombrado: transgressão, composição e desintegração do mundo em Cornélio Penna e Farnese de Andrade”. Em perspectiva comparada, a autora mostra que, embora se diferenciem em relação ao suporte escolhido, suas produções possuem temáticas comuns, o que acaba por torná-las arquivos assombrados, compostos de hereditariedade, códigos de interdição, de objetos plásticos e de fragmentos textuais nos quais se sobressaem memórias perturbadoras.

A coletânea *Matéria de poesia* de Manoel de Barros é o objeto de análise de Igor Iuri Dimitri Nakamura, que a percorre investigando a presença da metalinguagem. Fundamentando-se nas funções da linguagem de Roman Jakobson rediscutidas por Samira Chalhub, mostra que o poeta das coisas miúdas faz uso das funções metalinguística e poética para construir uma didática do trabalho verbal.

Um olhar crítico sobre o modo como a experiência e o trauma geracional servem à construção de personagens caracteriza a leitura que Pamella T. Souza de Oliveira faz do romance *A chave de casa*. Ao focalizar sua abordagem a partir de questões como judeidade e diáspora, a autora de “Um verdadeiro judeu não esquece o seu passado: a autoficção em *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy” demonstra como memórias de vida tornam-se narrativas autoficcionais.

O artigo de Clarissa Marchelli concentra-se em “A estória de Lélío e Lina”, o quinto conto que integra o conjunto *Corpo de baile*, de Guimarães Rosa. A autora propõe uma leitura da estória rosiana a partir do tema do amor, vinculando sua abordagem a uma conversa com o Sócrates, do diálogo platônico *O Banquete*. Percebe, aí, uma atualização da narrativa mítica do amor.

As relações entre política e literatura e o lugar do escritor e do intelectual nos debates contemporâneos encontram abordagens e hipóteses no artigo de Máira Fernandes de Melo. Em “Geopolíticas do literário: blocos de alteridade possível”, ela propõe possibilidades do fazer político na escrita de ficção a partir de considerações críticas de Silvano Santiago, de percepções de Roland Barthes sobre a China e do livro autobiográfico *Mudanças*, do escritor chinês Mo Yan.

No artigo “No rastro do resto: o triunfo do corpo em João Gilberto Noll”, Evando Sant’Anna oferece uma leitura cruzada da obra de João Gilberto Noll com a noção de resto formulada por Giorgio Agamben. Explorando a questão do corpo, a partir do resto, como pólo privilegiado de experiência dos sujeitos ficcionais delineados por Noll, busca apontar estratégias de resistência à biopolítica e de criação de novos modos de vida.

No artigo de Lisiane Andriolli Danieli, “A paisagem interior traduzida: leituras de Adalgisa Nery”, as relações entre pensamento e paisagem são abordadas na produção lírica da poeta carioca. A proposta da autora visa ultrapassar a abordagem imanentista da obra de Adalgisa Nery; para isso, elege o sujeito e a paisagem como operadores de leitura. Considerações teórico-críticas de Michel Collot, Jacques Rancière e Friedrich Schiller fundamentam a leitura de poemas do livro *Cantos de angústia*.

Numa reflexão sobre sistemas de poder, Alessandro do Nascimento investiga, no conto “Famigerado” de Guimarães Rosa, a contraposição entre o poder do conhecimento e o da força bruta representados pelas personagens médico e jagunço, respectivamente. Embora ambicionem a posse do

poder do outro, ao fim e ao cabo, o que o conto tematiza, afirma o articulista, é a submissão do sujeito ao poder da linguagem.

Em “Tríptico para Mariana”, Maurício dos Santos Gomes analisa o conto “Mariana”, de Machado de Assis, publicado na década de 1890. O texto de Santos Gomes trabalha o conto que aborda o retorno do personagem Evaristo ao Rio de Janeiro, em 1890, depois de um exílio de dezoito anos. Evaristo retorna ao Brasil para vivenciar a transformação político-social em que vivia o país, com a mudança de um sistema imperial para o republicano. Evaristo deixara o Rio de Janeiro em 1872 por conta da amada Mariana, que reencontra em 1890, agora já viúva e alquebrada. O artigo analisa este conto que, segundo Santos Gomes, apesar de um enredo aparentemente banal, “traduz em sua forma os impasses subjetivos de seu protagonista, em sua resistência sociopática à mudança social”.

Stanis David Lacowicz aborda o livro *El reino de este mundo*, publicado em 1949, de Alejo Carpentier, um dos principais escritores cubanos do século XX. No artigo “*El reino de este mundo: sobre o realismo maravilhoso e o novo romance histórico em Alejo Carpentier*”, Lacowicz afirma que o romance é pioneiro no que o crítico Seymour Menton denominou *novo romance histórico*: “narrativa ficcional que se volta à história, mas de modo questionador, tanto do discurso oficial quanto da relação entre literatura e história”. O romance aborda o Haiti no período entre 1750 e 1830, com foco nas insurgências e revoltas dos negros contra o sistema escravocrata então vigente no país. Para Lacowicz, o romance também é exemplo de realismo maravilhoso (mágico ou também fantástico), e assim analisa como esse entendimento “fomenta a releitura crítica da história”.

O texto seguinte, de Ribanna Martins de Paula, estuda como a trilogia de livros *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, publicados na segunda metade do século XX, dialoga e se conecta com os textos bíblicos sagrados e milenares. Por meio de teóricos como Julia Kristeva, Gérard Genette e Mircea Eliade, a autora do artigo tem por intenção “esclarecer como se torna possível a relação de textos religiosos milenares com obras literárias modernas”.

A singularidade do romance *The ocean at the end of the lane* – “O oceano no fim do caminho”, em tradução para o português –, de Neil Gaiman, é analisada no artigo “The impact of the ocean: how Neil Gaiman builds tension in *The ocean at the end of the lane*”, de autoria de Fabian Quevedo da Rocha, publicado aqui originalmente em inglês. Para estudar a especificidade deste romance

em face aos demais de Gaiman, em suas escolhas estilísticas e narratológicas, Quevedo da Rocha se apoia em teóricos como Gérard Genette e Ernesto Piglia.

“Os lugares de memória na obra *El lápiz del carpintero*”, artigo das pesquisadoras Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuzza e Crislaine Alessandra de Lima Scher, analisa o livro destacado no título do texto, do escritor e jornalista galego Manuel Rivas, que retoma o período histórico da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). A partir dos conceitos de “lugar de memória” e da imbricação entre o histórico e o literário, Fiuzza e Scher tecem estudo que traz à tona a problematização de uma memória coletiva e de uma memória individual oriundas de momentos de trauma histórico, como o da guerra na Espanha no fim dos anos 1930, que antecedeu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e que reverberam no trabalho artístico-literário.

Já o ensaio de Iuri Almeida Müller discute a relação do livro teórico *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, de José Carlos Mariátegui, com o romance *Los ríos profundos*, de José María Arguedas, considerado um dos principais escritores do Peru, publicado trinta anos após o trabalho de Mariátegui. Em “Os sete ensaios de Mariátegui e os rios profundos de Arguedas: tensões do processo”, Müller aborda questões pertinentes à cultura peruana, por meio de temas como indigenismo e a representação da região dos Andes, a partir de duas obras fundamentais na cultura deste país.

O artigo seguinte, “Imagens de Orfeu no cinema de Jean Cocteau”, de autoria de Ava Silva e Leonardo Francisco Soares, analisa o trabalho no cinema do artista francês Jean Cocteau. O texto focaliza o que neste cinema evoca ao mito de Orfeu, a partir da trilogia de Cocteau *O sangue de um poeta* (1929), *Orfeu* (1950) e *Testamento de Orfeu* (1959). Para tal, são utilizados como aporte, dentre outros, teóricos como Maurice Blanchot, Gilles Deleuze e Pier Paolo Pasolini.

“Literatura regional, identidade e cultura: um diálogo entre a gente de Belém ‘de outrora’ e de ‘Abaeté do Tocantins’”, de José Ivanilson da Luz Rodrigues e Lais Lauane Gaia Veras, aborda os livros *Gostosa Belém de outrora*, de De Campos Ribeiro, e *Mater puríssima: histórias da festa de Conceição em Abaeté do Tocantins*, de Jorge Machado, para discutir literatura regional por meio de conceitos levantados por estudiosos como Tânia Franco Carvalhal nos estudos comparativos.

O último artigo deste número se dedica ao músico, cantor e compositor maranhense João do Vale, que entre as décadas de 1950 e 1980 esteve presente na cena musical brasileira. “Canção e

poesia: o lugar das letras poéticas e testemunhais de João do Vale”, de Ludmila Portela Gondim Braga, articula sobre uma “obra musical inquietante e de forte apelo poético e testemunhal” e busca discutir o lugar da produção do artista no que diz respeito aos estudos literários.

Fechando o número, Renan Kenji Sales Hayashi nos apresenta a tradução para o português do conto “O ladrão” (no original “Watakushi”), do japonês Junichiro Tanizaki, publicado em 1921.

Por último, gostaríamos de agradecer a participação dos estudantes e dos professores que contribuíram com este volume, e a equipe da Revista Garrafa. Um agradecimento especial às agências de fomento que possibilitaram e possibilitam a pesquisa e à pós-graduação, gratuita e de qualidade, no Brasil.

A todos o nosso muito obrigado. Boas leituras!

Francisco Thiago Camêlo da Silva (Doutorando em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio)  
Guido Vieira Arosa (Doutorando em Teoria literária pela UFRJ)

Rio de Janeiro, fevereiro de 2019